

TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO NA LITERATURA DE CORDEL

Jeová Franklin de Queiroz

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília.

Estudos recentes do problema da Comunicação Social estão atribuindo aos meios modernos de difusão de informação grande parcela de responsabilidade no distanciamento crescente entre populações desenvolvidas e populações subdesenvolvidas, entre ricos e pobres e no caso particular nordestinos, entre a sociedade urbana e rural.

Everett M. Rogers, um dos mais conhecidos autores preocupados com a utilização da comunicação social nos programas de desenvolvimento, explica que o mau funcionamento dos meios modernos decorre do fato de eles próprios serem uma inovação tecnológica que precisa, primeiro, ser aceita, para depois ser utilizada na difusão de outras inovações tecnológicas.

Em outras palavras, diz Rogers que para levar a mensagem do desenvolvimento ao homem do campo não se pode utilizar os meios de comunicação ainda não integrados ao universo dessa comunidade.

Outros autores, como Sola Pool, encontram outra explicação. Este diz que os meios modernos falham em promover o desenvolvimento, porque os planejadores não sabem como utilizá-los. Para ele, as falhas se localizam no fato de os

meios modernos serem produzidos e dirigidos por elites que não querem falar ao homem do povo “ou estão em conflito quando ao povo se dirigem”.

O fato é que cada autor constrói uma explicação para um fenômeno reconhecido por todos: está havendo *ruído* na comunicação entre pobres e ricos, entre o meio urbano e o rural. Diante dessa constatação, já começam a surgir propostas de utilização dos meios não modernos (tradicionais) em substituição ou reforço à ação dos chamados “meios de comunicação em massa”. É o próprio Rogers quem afirma estar reservado um grande papel aos meios tradicionais como instrumento de promoção do progresso econômico e social.

Diante da realidade brasileira, particularmente da realidade nordestina, o meio tradicional de maior dimensão é, sem dúvida, o fenômeno conhecido como Literatura de Cordel.

Faltam dados estatísticos sobre a circulação desse tipo de publicação, que, por ser um meio marginal, desenvolvido por uma sociedade marginal, não está abrangido pelas estatísticas. Mas, já em 1973, Mark J. Curran falava em edições de clássicos da Literatura de Cordel com tiragem em torno de 1 milhão de exemplares. *O Pavão Misterioso* já deve ter ultrapassado a casa dos 2 milhões de exemplares.

No Brasil, publicação nenhuma atingiu tal marca. Nem mesmo Jorge Amado, nosso mais popular autor, conseguiu em edições brasileiras, no conjunto de suas obras, chegar perto dessa marca.

Quando a literatura de cordel procura substituir os jornais na divulgação de grandes acontecimentos, a circulação do folheto supera a tiragem de qualquer grande jornal de circulação nacional. O folheto de João José dos Santos sobre a morte de Getúlio Vargas, segundo depoimento do próprio autor, vendeu 200 mil exemplares. Curran, o pesquisador americano, cita tiragens de 300 mil exemplares de um só título de folheto.

Que é que o Cordel tem que nós não temos?

Surge uma questão fundamental: é o povo (faixa marginal da sociedade) que não lê, ou somos nós, comunicadores, que ainda não aprendemos a linguagem do povo?

PRODUÇÃO

A extraordinária penetração do cordel pode ser explicada pelo seu processo de produção (elaboração da mensagem) que de maneira alguma se distancia da audiência. Nesse processo, o emissor se confunde com o receptor. O *cordel* é um veículo de produção coletiva (comunidade rural) para consumo dessa mesma comunidade.

Os grandes romances, na realidade, não têm autor definido. Sua narração vem passando de pai para filho até que um dia o poeta ou cantador resolve imprimi-lo. A ambientação de *O Pavão Misterioso* nos leva a locais, valores e costumes que refletem ainda a influência da dominação da Península Ibérica pelos mouros. Grécia e Alexandria são citados em lugar de Ceará e Bahia.

O processo de produção pode ser esquematizado da forma seguinte:

- a) — o romancero ou poeta, geralmente analfabeto, estrutura um enredo (romance) de domínio popular ou extraordinário acontecimento que provoca impacto na população, numa composição versificada com métrica e rima acentuadas. Na narrativa de acontecimentos, ele nunca se limita ao registro do fato, dá com eles as repercussões, comentários e críticas dominantes entre o povo.
- b) — O editor (dono ou administrador de uma oficina de impressão) é o único elemento necessariamente alfabetizado. Ele escreve e imprime o *romance* ou *folheto*. Geralmente se encarrega também de distribuí-lo para os postos revendedores.
- c) — Os vendedores avulsos dão continuidade ao processo, repetindo oralmente a narrativa impressa, com ajuda de uma viola e até mesmo de amplificadores, nas feiras do interior, nas festas paroquiais ou onde sempre houver alguma aglomeração humana. Mesmo não sabendo ler, o cantador desempenha sua função de mul-

tiplicar a mensagem que lhe chega às mãos de forma impressa. Por sua vez, o matuto, mesmo não sabendo ler, compra-o e leva para casa, a fim de que algum parente ou amigo leia-o até que tudo lhe fique gravado na memória.

Não é de forma gratuita que a narrativa se desenvolve em versos ritmados e de rima fortemente acentuada. Desse modo ela se adapta a uma composição musical padrão, funcionando, assim, como eficiente processo mnemônico. Cantando ou ouvindo a canção, o homem rural não encontra dificuldade de memorizar a mensagem.

Esse processo de produção coletiva é confirmado por vários depoimentos:

1. *Manoel Caboclo da Silva*, romancista: "O poeta, o editor e o revendedor são três correntes reunidas, irmanadas, consideradas como alto-falante do povo; porque, quando dá-se um caso que chama a atenção dos populares, uns sabendo, outros ignorando, o poeta ligeiramente faz a poesia como a coisa é, o editor escreve, passa ligeiramente ao revendedor e este representa o aparelho transmissor falante, do povo."
2. *Renato Campos Carneiro*, pesquisador: "... a leitura dos folhetos nas feiras é considerada função importante. O matuto, geralmente analfabeto, não sabe se a história agrada ou não, senão ouvindo-a. E ouvindo, caso lhe agrade, compra o folheto para ser lido por algum parente ou amigo."
3. *Luís Beltrão*, filósofo e professor: "... quando gosta do romance, ou quando o acontecimento lhe chama a atenção, compra o folheto, leva-o consigo para soletrá-lo à família ou pedir que alguém leia de novo, até decorar as sextilhas."
4. *M. Cavalcanti Proença*, pesquisador: "... se trata fundamentalmente de um veículo auditivo (...). É feito expressamente para ser recitado e que, impresso, no caso por motivos econômicos, não perde a característica oral."

A penetração do Cordel nas populações rurais, consideradas por Paulo Freire como tendo estas sob domínio apenas forma rudimentar de conhecimento pré-científico, pode ser explicada pelo caráter didático que assume na apresentação de novos conceitos (inovações). A linguagem se situa ao nível de domínio do homem do campo.

Essa técnica didática se desenvolve com o uso de duas figuras de linguagem: a *redundância* e a *metáfora*.

A técnica didática da redundância consiste na apresentação de conceitos abstratos ou informações novas de difícil percepção pela audiência, por sucessivas aproximações e repetições até que o novo conceito seja aceito pelo ouvinte. A segunda técnica, integrada estreitamente à primeira, a metáfora, é uma forma de comparação figurada do conceito novo com os conceitos já dominados pela audiência.

No romance *O Pavão Misterioso* para descrever o objeto fantástico, o poeta montou a seguinte estrofe: “Tinha cauda como leque / as asas como pavão / pescoço, cabeça e bico / alavanca, chave e botão / voava igual ao vento / para qualquer direção.”

Nova metáfora e redundância, para caracterizar o pavão misterioso como objeto voador: “O monstro girou suspenso / maneiro como um balão”.

Em todo o desenrolar do enredo, o poeta não perde oportunidade de deixar bem marcada, pela redundância e metáfora, a capacidade que o pavão misterioso tinha de colocar o herói acima dos demais mortais: “... minha viagem é aérea / meu cavalo anda nos ares / nós vamos fugir daqui / casar em outros lugares.”

Mesmo depois de narrado o feito heróico, o poeta não deixa de frisar mais ainda as qualidades extraordinárias do invento fantástico: “Na cidade de Atenas / estava a população / esperando pela volta / do aeroplano pavão / ou o cavalo do espaço / que imita o avião.”

Desse modo quem é que poderia mais ter dúvidas sobre a capacidade de o objeto misterioso voar?

BIBLIOGRAFIA

1. BELTRÃO Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
2. CARNEIRO, Renato Campos. Folhetos populares na zona do açúcar de Pernambuco. In: PROENÇA, M. Cavalcanti et alii. **Literatura de cordel**. São Paulo, USP, 1971.
3. CURRAN, Mark. J. **A literatura de cordel**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
4. FONSECA, Luiz. A comunicação com o meio rural. In: **Cadernos de Jornalismo e comunicação**. Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, fev. 68 (16) p. 17-21.
5. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
6. LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na literatura de cordel**. Rio de Janeiro, Documentário, 1973.
7. POOL, Ethiel de Sola — Meios de comunicação em massa e a política no processo de modernização. In: PYE, Lucien W (org.) **Comunicações e Desenvolvimento Político**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
8. ROGERS, Everett M. Communication in development. In: **The annals of the American Academy of Political and Social Science**. March-74 (412) p. 44/54.
9. SANTA CRUZ, Luiz. A comunicação no romanceiro popular. In: **Cadernos de Jornalismo e comunicação**. Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, jan. 68 (18) p. 60/68.
10. UNICEF. **Unicef News: Communication; a tool for development**. New York Unicef, 1975, 2 (84).